

## INTRODUÇÃO À ANÁLISE DO DISCURSO: O PROGRAMA DE MICHEL PÊCHEUX

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-002>

**Data de submissão:** 30/10/2024

**Data de publicação:** 30/11/2024

**Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais**  
E-mail: mara.morais@ifg.edu.br

### RESUMO

Este trabalho busca contribuir com as pesquisas realizadas em diferentes áreas do conhecimento interessadas em mobilizar a Análise do Discurso como teoria materialista de leitura. Nesse sentido, este artigo apresenta os resultados de um estudo bibliográfico que abordou os aspectos epistemológicos, conceituais e metodológicos do programa da Análise do Discurso (AD), conduzido por Michel Pêcheux entre as décadas de 1960 e 1980. A história da corrente histórico-ideológica da Análise do Discurso que se apresenta neste texto contempla as revisões e a reelaboração empreendidas por Pêcheux sobre os conceitos que compõem o aparato teórico e metodológico desse campo do saber. Como resultado da pesquisa realizada, conclui-se que, apesar dos deslocamentos produzidos em seu interior, a Análise do Discurso, desenvolvida e permanentemente reformulada por Michel Pêcheux e colaboradores ao longo de mais de duas décadas, manteve-se fiel ao seu constante desafio de compreender os processos de constituição dos sentidos, engendrados nas e pelas práticas discursivas. Assim sendo, reitera-se a importância da compreensão dos fundamentos e da história da Análise do Discurso pecheuxtiana, sobretudo no âmbito das pesquisas que se proponham analisar a produção dos efeitos de sentidos, constituída no imbricamento da língua com a exterioridade discursiva.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso, Michel Pêcheux, AD francesa, Discurso.

## 1 INTRODUÇÃO

A Análise do Discurso de viés histórico-ideológico derivada dos postulados de Michel Pêcheux tem embasado inúmeras pesquisas, em diferentes áreas do conhecimento, que buscam compreender os processos de produção dos sentidos desenvolvidos na confluência da língua com um exterior discursivo.

Com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão dessa importante vertente dos estudos discursivos, este artigo faz uma exposição de aspectos teórico-epistemológicos da Análise do Discurso pecheuxtiana. Encontra-se, aqui, um retrospecto das revisões e reelaborações empreendidas por Michel Pêcheux e colaboradores sobre os conceitos que compõem o aparato teórico e metodológico desse campo do saber.

Segue, pois, uma abordagem da plataforma pecheuxtiana para a Análise do Discurso.

## 2 CONTEXTOS EPISTEMOLÓGICOS E FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO

As transformações histórico-sociais ocorridas no século XX propiciaram o surgimento de uma ordem epistemológica em que a autonomia e a homogeneidade das disciplinas não se sustentavam. Nesse contexto, segundo Fernandes (2004, p.43), “observa-se o descentramento de uma linearidade própria à organização de um campo científico e questiona-se (...) a delimitação de objetos e saberes conclamados como próprios a cada disciplina”.

Constituída nesse processo de ruptura, a Análise do Discurso<sup>1</sup> de filiação pecheuxtiana (doravante AD) surge como um domínio interdisciplinar, atravessado pelas teses althusserianas sobre a existência histórica e material das ideologias, pela teoria lacaniana da subjetividade e por uma insatisfação com a análise imanentista da língua.

No texto *Elementos para uma história da análise do discurso na França* (In: Orlandi, 1997), a linguista Denise Maldidier refere-se a uma dupla fundação da análise do discurso, como disciplina instituída no encontro da linguística com o materialismo histórico, através das formulações de Pêcheux e Jean Dubois. Apesar da existência de traços ou interesses comuns entre os projetos desses dois “fundadores”, a autora identifica diferenças cruciais, relacionadas ao modo de posicionamento frente à teoria. Segundo Maldidier (*ibidem*, p. 18),

<sup>1</sup> Segundo Fernandes (2005, p.79), o projeto de elaboração do campo disciplinar da Análise do Discurso configura-se em três épocas (AD-1 ou AAD-69; AD-2 e AD-3), que traduzem as revisões e a reelaboração dos conceitos que compõem o aparato teórico e metodológico desse campo do saber. Essas três épocas da AD são descritas pelo próprio Michel Pêcheux, nos textos reunidos em Gadet & Hak (1990).

do lado de J. Dubois, a instituição da AD é pensada dentro de um *continuum*: a passagem do estudo das palavras (lexicologia) ao estudo do enunciado (análise do discurso) é ‘natural’, é uma extensão, um progresso permitido pela linguística (...). Do lado de M. Pêcheux, ao contrário, a análise do discurso é pensada como ruptura epistemológica com a ideologia que domina as ciências humanas (especialmente a psicologia (...)). Mais globalmente, é a maneira de teorizar a relação da linguística com um exterior que diferencia as duas AD. Para J. Dubois, significa relacionar dois modelos: o modelo linguístico e um modelo outro, sociológico (ou histórico), psicológico (ou psicanalítico). Em M. Pêcheux, desde *Análise Automática do Discurso*, em 1969, ainda que dissimulada por uma fachada circunstancial, o objeto teórico articula a questão do discurso àquelas do sujeito e da ideologia.

Além dessa observação sobre a dupla filiação da Análise do Discurso, é preciso assinalar que atribuir a Pêcheux o gesto fundador da Análise do Discurso francesa impõe que se reconheça a construção de uma teoria do discurso no interior da AD como resultado, não de sua ação individual, mas dos “diálogos e duelos” (cf. Gregolin, 2004) suscitados nas/pelas suas propostas ao longo das últimas décadas.

Ao afirmar a articulação da linguagem com a sociedade e com os contextos históricos em que o sujeito se insere, a AD remonta não só ao materialismo histórico, mas também a Lacan e postula uma constituição dos sujeitos – como efeitos de linguagem – *nos / pelos* discursos. Essa postulação reage à tese de um sujeito sintético<sup>2</sup> e soberano, bem como à análise imanente das materialidades linguísticas, pois:

por estarem inseridos em diálogos interdiscursivos, os enunciados não são transparentemente legíveis, são atravessados por falas que vêm do seu exterior – sua emergência no discurso vem clivada de pegadas de outros discursos (Gregolin, 2001, p.71).

Nesse movimento, institui-se, como foco da análise, a constituição dos sentidos e dos sujeitos nos processos sócio-históricos em que os discursos se formam afetados pelas interações do sujeito em diferentes contextos sociais. Logo, tanto quanto recusa a análise interna da língua, a AD também não se propõe restaurar um sistema de pensamento subjacente aos textos, nem resgatar as intenções de um sujeito falante que, em uma atividade consciente, construiria e ordenaria os enunciados de um discurso. O interesse da Análise do Discurso reside nos mecanismos interdiscursivos e intradiscursivos de constituição dos sentidos, uma vez que:

<sup>2</sup> No encalço de alguns elementos da configuração epistemológica da AD, torna-se imprescindível explicitar os deslocamentos e ressignificações sofridos pela concepção de *sujeito* no decorrer da história do projeto pecheuxiano para a Análise do Discurso. Em virtude da imbricação entre as noções de *sujeito* e de *discurso*, é preciso restituir alguns elementos do percurso em que a noção de *sujeito* passou de *elaboração circunscrita ao quadro das formações imaginárias* a um *conceito reformulado à luz do materialismo histórico* e, por fim, à *dimensão heterogênea, descentrada e cindida entre o outro e o mesmo*.

inserido na História, o sujeito constrói o seu dizer no repetível (no interdiscurso, na memória discursiva), mas, ao mesmo tempo, ocupa uma posição de autoria ao deslocar-se do já-dito, ao movimentar-se e garantir a unicidade e coerência do discurso (Gregolin, 2001, p. 75).

Quanto ao conceito de *interdiscurso*, Michel Pêcheux, na obra *Semântica e Discurso* (1995, p. 162), apresenta esse conceito como “o todo complexo com dominante das FDs”, caracterizando-o como uma categoria teórica da ordem do irrepresentável e do interpenetrável. Na esteira de Pêcheux, o Glossário de Termos do Discurso (Ferreira, 2001, p. 6) afirma que o *interdiscurso* abarca o conjunto das formações discursivas e é inerente à constituição do discurso, “na medida em que trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamento promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva”. Na mesma direção, Courtine (1981, p. 16) define *interdiscurso* como “séries de formulações marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraseando-se, opondo-se entre si, transformando-se...)”.

Sobre o *intradiscurso*, Courtine (1981, p. 16) o caracteriza como “lugar em que se realiza a sequencialização dos elementos de saber, onde o desnivelamento interdiscursivo é linearizado”. Eni Orlandi (2002), por sua vez e com base nas formulações de pesquisadores franceses inscritos na AD, tais como Pêcheux, Courtine e Maingueneau, define o *intradiscurso* como o “eixo horizontal, da formação, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado”. No mesmo sentido, lê-se em Ferreira (2001, p. 6) que o *intradiscurso* consiste no

simulacro material do interdiscurso, na medida em que fornece-impõe a “realidade” ao sujeito, matéria-prima na qual o indivíduo se constitui como ‘realidade’ ao sujeito, matéria-prima na qual o indivíduo se constitui como sujeito falante numa determinada formação discursiva que o assujeita (...) é o “fio do discurso” de um sujeito; a rigor, é um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma vez que incorpora, no eixo sintagmático (linear), a relação de possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições), como se esses elementos, assim encadeados entre si, tivessem um sentido evidente, literal. O que está em evidência, no intradiscurso, é a formulação de um discurso a partir da realidade presente.

Partindo do pressuposto de que “é preciso acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimento, na pontualidade em que ele aparece e na dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado” (Foucault, 2000, p.91), os estudos em AD refletem sobre as configurações interdiscursivas e contextuais que possibilitam o surgimento de alguns (e não outros!) discursos entrevistados nos *corpora* analisados. Interessam-se, entre outras relações, pela coexistência, determinação recíproca e transformação dos discursos no interior de uma formação discursiva<sup>3</sup>, que,

<sup>3</sup> A noção de *formação discursiva* foi desenvolvida, inicialmente, por Foucault [1969 (2005)], em *A Arqueologia do Saber*, como um conjunto de enunciados que obedecem a um semelhante sistema de dispersão, e entre os quais se pode detectar uma regularidade. Inserido no projeto arqueológico de Foucault – que se volta para a análise das condições de produção

conforme Pêcheux (1995, p.314), é constitutivamente atravessada por elementos vindos de outras formações discursivas. Nesse movimento, tais estudos focalizam as redes de memória que possibilitam o funcionamento discursivo e as configurações históricas que determinam os modos de dizer e aquilo que se deve dizer (Foucault, 2000) nos contextos descritos.

Todavia, pela própria natureza opaca e dispersa do interdiscurso e pelo caráter analítico-interpretativista dos estudos em AD, o que se propõe não é uma análise totalizadora que pretenda remeter às origens do discurso. Postula-se um empreendimento analítico que, em busca das descontinuidades e dos sistemas de dispersão próprios dos discursos, reflita sobre os acontecimentos discursivos e seu funcionamento nos contextos em que emergem.

Por meio de um movimento teórico operado no livro *O discurso: estrutura ou acontecimento* (1983:1997), Pêcheux, pouco antes da sua morte no ano de 1983, reivindica um remanejamento do trabalho da historicidade do sentido nos estudos em AD. Ao prevenir as análises discursivas contra um apagamento do acontecimento, provocado pela sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora, Pêcheux (1983:1997, p. 56) contesta a homogeneização da *formação discursiva* e inscreve, na ordem dos *efeitos de identificação*, a relação do discurso e do sujeito com a sua exterioridade constitutiva. Desse modo, o autor recusa a postura analítica que inclui o discurso numa série cuja estrutura é tomada como “transcendental histórico, grade de leitura ou memória antecipadora do discurso em questão” (*ibidem*, p. 56). Nessas formulações, Pêcheux incita um redimensionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD, afirmando a dimensão paradoxal do discurso – situado entre o singular e o repetível. Mais especificamente, ele constitui o batimento entre estrutura e acontecimento como a ordem analítico-conceitual da AD que passa a fundamentar as análises das discursividades.

## 2.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO, LINGUÍSTICA E AD: DIÁLOGOS E DESLOCAMENTOS

Antes de tudo, é preciso fazer uma observação relacionada ao título desta seção. Apesar de recusarmos o posicionamento que contesta o estatuto científico da Análise do Discurso e a exclui dos domínios da Linguística, referimo-nos, aqui, pelo termo *linguística*, aos estudos imanentistas da língua

---

dos saberes na cultura ocidental –, este conceito de FD autoriza um modelo descritivo que, todavia, não se ocupa em resolver as contradições inerentes às formações discursivas. Dessa forma, embora o conceito foucaultiano de FD acentue o caráter contraditório de toda *formação discursiva*, sua “entrada” na Análise do Discurso pecheuxtiana exigiu uma reformulação à luz do materialismo histórico. Articulado à categoria marxista de luta de classes, o conceito de *formação discursiva* é ressignificado, inicialmente em Haroche, Henry & Pêcheux (1971), passando à condição de componente das formações ideológicas. Em *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, (Pêcheux, Haroche & Henry, 1971), *formação discursiva* é definida como aquilo que determina o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada. Constantemente ressignificada por alguns empreendimentos teórico-metodológicos, a teoria discursiva da AD acentua, progressivamente, a heterogeneidade da *formação discursiva* e afirma a ordem dialética em que os sentidos se constituem entre a regularidade e a dispersão.

desenvolvidos a partir do Curso de Linguística Geral. Feito esse esclarecimento, este artigo prossegue com a recuperação dos aspectos epistemológicos e teórico-metodológicos da AD pecheuxtiana.

Ao propor a Análise Automática do Discurso (AAD-69), Michel Pêcheux (In Gadet & Hak, 1990) postula a substituição do paradigma tradicional da Análise de Conteúdo por um método teórico capaz de atribuir científicidade ao estudo dos textos. Nesse sentido, o autor assinala a necessidade de se relacionar a forma ao conteúdo do dizer e reitera a crítica às análises de conteúdo, que não operam a separação entre a prática e a teoria da linguagem e restringem a análise dos textos à sua *função* de exprimir sentido. Inscrita na perspectiva clássica da ciência linguística (que se pretende ao mesmo tempo *ciência da expressão e dos meios desta expressão*), a Análise de Conteúdo pressupõe a apreensão do sentido de um texto a partir de habilidades psicológicas do leitor e, segundo Pêcheux, não configura um método científico de leitura que permite a obtenção de um resultado unívoco. Em suma, a Análise de Conteúdo desconsidera a articulação linguagem/sujeito/ideologia<sup>4</sup> e circunscreve o estudo semântico-gramatical e os meios da expressão às suas respectivas funções, a saber: *compreender o texto e fazer-se compreender*.

Em perspectiva distinta, a Análise do Discurso francesa, em sua primeira fase, denominada AAD-69 (ou AD-1), apresenta-se como procedimento pautado por uma “análise não-subjetiva dos efeitos de sentido que atravessa a ilusão do efeito-sujeito e que retorna ao processo discursivo (entendido como as relações de paráfrase interiores ao que chamamos formação discursiva) por uma espécie de arqueologia regular” (Pêcheux & Fuchs, 1990, p. 170).

A busca de um algoritmo que possibilitasse uma descrição formal dos processos discursivos reflete as pretensões de científicidade deste primeiro momento da Análise do Discurso. Embora postulasse a articulação da materialidade linguística com as condições de produção do dizer, o programa da AAD-69 perseguia uma análise automática dos discursos que seria possibilitada por modelos descritivos comprometidos com a unicidade e com a estabilidade. Todavia, em momento posterior, a interface da AD com a psicanálise, sobretudo no início dos anos 1980, instituiu a *falha* e o *equívoco* como elementos constitutivos da fala, dos sentidos e dos sujeitos, o que inviabilizou e desestabilizou, no interior da própria AD, a pretensão de se analisar automaticamente os discursos.

Constituída nesse contexto de ruptura, a Análise do Discurso de vertente pecheuxtiana realiza importantes diálogos e deslocamentos em relação às práticas tradicionais de análise de textos e à

<sup>4</sup> De acordo com o *Glossário de Termos do Discurso* (Ferreira, 2001, p. 5), a *ideologia*, como elemento dominante que está presente no interior do discurso e que, ao mesmo tempo, se reflete na exterioridade, é *constitutiva* da prática discursiva. Entendida como efeito da relação entre sujeito e linguagem, ela permite a identificação do sujeito com a *formação discursiva* que o domina.

linguística moderna. Distancia-se da Análise de Conteúdo porque, enquanto esta análise se limita ao nível supralinguístico e busca resgatar um sentido subjacente aos textos, a AD focaliza os *efeitos de sentido* produzidos na relação do sujeito com os contextos sócio-histórico-ideológicos de produção dos discursos. Como um mesmo enunciado pode assumir diferentes sentidos de acordo com a *formação discursiva* em que é (re)produzido, os gestos de interpretação produzem a ilusão de um sentido literal, ou seja, de que o enunciado quer dizer o que realmente diz. Nesse sentido, segundo Pêcheux, o discurso nada mais é do que *efeito* de sentido entre interlocutores. Assim sendo, uma análise em AD interessa-se, portanto, pelos “mecanismos formais que produzem um discurso dado em ‘circunstâncias’ dadas” (Pêcheux, in: Gadet & Hak, 1990). Como atesta Nunes (2005, p.103):

A AAD-69 efetua uma comparação regulada entre diversos textos que constituem um corpus discursivo que se supõe representativo de um certo estado das condições de produção características de uma formação discursiva dada.

No processo da sua constituição, a AD inclui a *exterioridade* na construção do *discurso* como seu objeto conceitual e afasta-se da linguística saussureana, que, ao considerar a *fala* um resíduo não-científico da análise, exclui a *situação* e o *sujeito* dos domínios da ciência linguística. A exterioridade linguística é constituída por *condições de produção*, que se configuram em sentido estrito (referindo-se às circunstâncias de enunciação) ou em sentido amplo (relacionadas ao contexto sócio-histórico-ideológico em que os sujeitos se inscrevem). Entretanto, importa lembrar que o domínio das *condições de produção* que interessa à Análise do Discurso pecheuxtiana remonta ao contexto sócio-histórico-ideológico de produção dos discursos e não se circunscreve às circunstâncias imediatas de enunciação.

Instituído como objeto conceitual da AD, o *discurso* se distancia da acepção de proferimento e diferencia-se da noção de *texto* (realidade empírica do discurso), uma vez que conjuga as formas da materialidade linguística com as posições sócio-ideológicas do sujeito<sup>5</sup> em determinadas conjunturas históricas. Nesta perspectiva, a AD rompe com postulados decorrentes da oposição *língua/fala*, tais como o estabelecimento da *língua* como objeto homogêneo da pesquisa linguística científica, e com uma concepção de subjetividade transparente e soberana advinda do caráter individual atribuído à *fala*. Como, para a AD, o sentido das palavras muda de acordo com as posições<sup>6</sup> assumidas pelo sujeito no

<sup>5</sup> “Resultado da relação com a linguagem e a história, o sujeito do discurso não é totalmente livre, nem totalmente determinado por mecanismos exteriores. O sujeito é constituído a partir da relação com o outro, nunca sendo fonte única do sentido, tampouco elemento onde se origina o discurso”. (Ferreira, 2001, p. 9).

<sup>6</sup> A Análise do Discurso designa com o termo *posição sujeito* “o resultado da relação que se estabelece entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito de uma dada formação discursiva. Uma posição-sujeito não é uma realidade física, mas um objeto imaginário, representando no processo discursivo os lugares ocupados pelos sujeitos na estrutura de uma formação social. Deste modo, não há um sujeito único, mas diversas posições-sujeito, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas”. (Ferreira, 2001, p. 9).

interior das suas interações sociais, a Análise do Discurso se propõe, segundo Robin (1977, p. 129), o desafio de analisar o lugar das práticas discursivas numa *formação social*<sup>7</sup>. Em tese, à medida que o objeto conceitual da 1<sup>a</sup> fase da AD é concebido como uma “máquina discursiva” capaz de refletir a estruturação do assujeitamento<sup>8</sup> *na e pela* linguagem, importa à AD-1 descrever as relações da materialidade linguística com as condições de produção do dizer de um sujeito ideologicamente constituído. Desse modo, a AD situa-se entre as disciplinas de interpretação e busca, segundo Pêcheux (1999, p. 14), “construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito”.

Apesar das rupturas que a constituição do objeto teórico da AD opera em relação à linguística moderna, Pêcheux (1990) adere ao deslocamento da *função* para o *funcionamento* nos estudos linguísticos introduzido pelo corte saussureano. Entretanto, ele assume um distanciamento em relação a Saussure (e às formulações chomskyanas *competência* e *desempenho*) ao buscar descrever um funcionamento que, por ser afetado pelas condições de produção do discurso, não é exclusivamente linguístico. Logo, não importa à AD o funcionamento da língua – concebida como “um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos” (Pêcheux, 1990, p. 78) – nem o acesso ao sentido dos textos por meio de métodos psicológicos ou sociológicos. O que se busca, no contexto da AAD-69, é o esboço de uma descrição formal dos *processos discursivos*, traduzida pela criação de um algoritmo que propicie a análise automática dos discursos. Procura-se construir um modelo descritivo que possibilite o deslocamento da *função* para o *funcionamento* no âmbito de um terreno que a linguística deixou a descoberto ao estabelecer a *língua* como seu objeto conceitual: os efeitos de sentido e as condições de produção do dizer.

No fluxo dos desenvolvimentos teórico-epistemológicos empreendidos pela teoria do discurso, a AD sofre rupturas produzidas em seu próprio interior. O caráter constitutivamente contraditório da noção de *formação discursiva* que emerge na obra de Pêcheux configura uma segunda fase da teoria da AD, que põe em questão a homogeneidade das condições de produção dos discursos e desestabiliza o conceito de máquina discursiva da AAD-69. Nesse momento, a Análise do Discurso se distancia do projeto inicial de Pêcheux de analisar automaticamente os discursos e sofre os deslocamentos e revisões que continuam a constitui-la, nas fases AD-2 e AD-3, como uma teoria de entremedio entre a

<sup>7</sup> “Espaço a partir do qual se podem prever os efeitos de sentido a serem produzidos. Para a AD as posições que os sujeitos ocupam em uma dada formação social condicionam as condições de produção discursivas, definindo o lugar por eles ocupado no discurso. Ao funcionamento das formações sociais está articulado o funcionamento da ideologia, relacionado à luta de classes e às suas motivações econômicas”. (Ferreira, 2001)

<sup>8</sup> Pêcheux & Fuchs (In: GadeT & Hak, 1990, p. 166), inscritos na perspectiva marxista de Althusser, afirmam que o *assujeitamento* (ou interpelação ideológica do indivíduo como sujeito ideológico) ocorre de tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção.

Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise.

## 2.2 A TERCEIRA FASE DA ANÁLISE DO DISCURSO: LIMITES DO ESTRUTURALISMO NA AD-3

Na *Nota ao Leitor* da edição brasileira de *O Discurso: estrutura ou acontecimento* (Pêcheux, 1997, p.9), Eni Orlandi define o percurso de Michel Pêcheux na constituição da AD como “uma forma de reflexão sobre a linguagem que aceita o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito”. Feito o alerta, é possível, até mesmo ao leitor desacostumado ao caráter de entremeio e ruptura da Análise do Discurso, compreender a emergência de alguns deslocamentos empreendidos nos discursos peucheuxtianos da terceira fase da AD em relação às fases AD-1 e AD-2.

No contexto epistemológico de movências e reconfiguração interdisciplinar produzido pela AD, não causa, pois, estranheza a condenação de Pêcheux, a partir da década de 1980, ao que considera uma *ontologia marxista*. Segundo Pêcheux, o estruturalismo marxista – ao supor que “as coisas a saber que concernem ao real sócio-histórico formam um sistema estrutural, análogo à coerência conceptual-experimental galileana” – nega a interpretação e se aproxima de procedimentos positivistas que pressupõem a homogeneização do real. Para definir o escopo e o caráter da *interpretação*, Pêcheux (1997) discute a categoria do *real*, que não pode ser circunscrita ao logicamente estável. Estranho à univocidade lógica, e descaracterizado como um defeito ou como um saber que se transmite, se aprende, se ensina, o real da AD consiste no espaço do não-logicamente estável que existe produzindo efeitos.

Constitutivamente atravessada pela psicanálise<sup>9</sup> e pelas formulações lacanianas sobre o *inconsciente*<sup>10</sup>, a AD-3 reflete um redimensionamento teórico-metodológico desenvolvido no interior da própria Análise do Discurso. Essa revisão fundamenta-se na concepção de *real da língua*, que segundo Milner (1987), consiste na impossibilidade de se dizer tudo na língua, série de pontos do impossível, lugar do inconsciente, de onde o sujeito fala o que não pode ser dito. O termo *real da língua* é designado em francês como *lalangue*, o que corresponde, em português, a *alíngua*. Essa distinção terminológica expressa de um modo singular, já na grafia, a diferença existente entre a noção de língua, que é da ordem do todo, do possível, e a noção do real da língua (*alíngua*), que é da ordem do não-todo, do impossível, inscrito igualmente na língua. Esse termo veio da psicanálise, trazido por

<sup>9</sup> Apesar da ênfase no viés psicanalítico da AD-3, note-se que a interface entre AD e psicanálise é visível já no início da constituição da Análise do Discurso. Nesse sentido, Ferreira (2004, p. 38) afirma que o convívio fronteiriço entre elas vem desde o início.

<sup>10</sup> “... o inconsciente nada mais é do que uma “cadeia” de significantes, tais como palavras, fonemas e letras, que se “desdobra” de acordo com regras muito precisas sobre as quais o eu ou *self* não possui qualquer tipo de controle.” (Fink, 1998, p.26)

Lacan, e foi desenvolvido na linguística, sobretudo por Milner (1987), numa tentativa de nomear aquilo que escapa à univocidade inerente a qualquer nomeação, apontando para o registro que, em toda a língua, a consagra ao equívoco. Na perspectiva teórica do discurso, torna-se fundamental uma concepção de língua afetada pelo real, pois isso vai permitir operar com um “conceito de língua que reconheça o equívoco como fato estrutural constitutivo e implicado pela ordem do simbólico” (Pêcheux, 1997)

Determinada pela relação com a psicanálise, esta última fase da AD constitui-se a partir do “primado teórico do *Outro* sobre o *mesmo*, que se acentua, empurrando até o limite a crise da noção de máquina discursiva estrutural” (Pêcheux, in Gadet & Hak, 1990, p.315). Nesse movimento, configura-se uma nova fase da análise linguístico-discursiva em que se reconhece o *equívoco*<sup>11</sup> como “fato estrutural constitutivo e implicado pelo simbólico” (Pêcheux, 1997, p. 51). Ou seja: a *falha* e o *equívoco* (incompatíveis com uma análise automática dos discursos e com uma concepção homogeneizante de FD) emergem, no programa da AD-3, como via de acesso à linguagem, aos sentidos e aos sujeitos, que, por sua vez, são redefinidos como estruturas marcadas por uma heterogeneidade constitutiva<sup>12</sup>.

Fundamentando-se nas pontuações de Lacan sobre o inconsciente e na noção bakhtiniana de *dialogismo*, a linguista francesa Jacqueline Authier-Revuz afirma a heterogeneidade constitutiva da linguagem de um sujeito dividido entre o Outro e o mesmo. A partir de alguns desenvolvimentos teórico-analíticos que tematizam as formas linguístico-discursivas do discurso-outro, a autora assinala o atravessamento do sujeito e do seu discurso por uma exterioridade constitutiva, que configura a heterogeneidade da fala e dos sujeitos. Como o sujeito é marcado pelo desejo do Outro<sup>13</sup> e seu discurso é atravessado pelo inconsciente, constitui-se por sentidos diversos, entre os quais “muitos escapam e outros tantos são equívocos” (Ribeiro, 2004, p. 34).

Nesta interface com a psicanálise, a Análise do Discurso se reinscreve, em sua terceira fase, como disciplina de interpretação. Uma vez que não busca resgatar sentidos dados *a priori*, tampouco pressupõe a homogeneidade das sequências analisadas, a AD reafirma, nesta última fase, que “os

<sup>11</sup> *Equívoco*, segundo Ferreira (2001), é a “marca de resistência que afeta a regularidade do sistema da língua. Este conceito surge da forma como a língua é concebida na AD (enquanto materialidade do discurso, sistema não-homogêneo e aberto). Algumas de suas manifestações são as falhas, lapsos, deslizamentos, mal-entendidos, ambiguidades, que fazem parte da língua e representam uma marca de resistência e uma diferenciação em relação ao sistema”.

<sup>12</sup> “Sob nossas palavras ‘outras palavras’ se dizem, (...) atrás da linearidade conforme ‘emissão de uma só voz’ se faz ouvir uma polifonia e (...) o discurso é constitutivamente atravessado pelo discurso do Outro.” (Authier-Revuz, 1982, p. 140-141)

<sup>13</sup> Segundo Ribeiro (2004), os *lapsos* do discurso induzem a AD a questionamentos sobre a localização de um sujeito do desejo num espaço discursivo que, assim como o sujeito, é ideologicamente determinado. Como resposta a esses questionamentos, a autora aponta as reflexões de Authier-Revuz (1994) sobre as não-coincidências do dizer, que é, necessariamente, faltante, incompleto.

elementos só terão (farão) sentido na cadeia enunciativa (significante), no discurso produzido (historicamente)” (Ribeiro, 2004, p. 28). Nesta perspectiva, continua a afirmar a articulação dos discursos com as condições sócio-históricas de sua produção, mas passa a postular uma ordem em que a análise das condições de produção não aprisiona o *acontecimento* discursivo na série em que o inclui. É o que se pode ver na seguinte afirmação de Pêcheux (1997, p. 56):

A noção de formação discursiva emprestada a Foucault pela análise de discurso derivou muitas vezes para a ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento dotada de uma semiótica interna e por isso mesmo voltada à repetição: no limite, esta concepção estrutural da discursividade desembocaria em um apagamento do acontecimento, através de sua absorção em uma sobreinterpretação antecipadora.

Diante do risco de se absorver o acontecimento na estrutura, o que se propõe – neste momento em que a AD reconhece o equívoco e a falha como vestígios da emergência e do atravessamento do Outro no discurso do mesmo – é a exposição da opacidade do texto. Se, de acordo com Pêcheux (1997, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outros”, interessam à AD-3 os pontos de deriva em que os sujeitos e os sentidos “passam” no outro. Se o controle estratégico do discurso é possível de escapar a um sujeito disperso e afetado pelo equívoco da língua, importa à AD, em seus procedimentos atuais, o movimento de “insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica”<sup>14</sup> (Pêcheux, 1997, p. 54-55). Interessa, portanto, tornar possíveis “gestos de interpretação” (Orlandi, 1986, p. 64) e não a atribuição de sentidos no interior de espaços discursivos concebidos como logicamente estabilizados. Afinal, a busca de um “sentido profundo, essencial e único” (Chamana, 1983, apud Ribeiro, 2004, p. 34) desliza para a análise do próprio funcionamento dos discursos, que se afetam pelo discurso do Outro, em suas múltiplas configurações:

- discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro (cf. as diferentes formas da “heterogeneidade mostrada”);
- mas também e, sobretudo, a insistência de um “além” interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do “ego-eu”, enunciador estratégico que coloca em cena “sua” sequência, estruturar esta encenação (nos pontos de identidade nos quais o “ego-eu” se instala) ao mesmo tempo em que a desestabiliza. (Pêcheux, 1983, p. 317)

<sup>14</sup> O conceito de *memória discursiva*, segundo Pêcheux (1999, p. 52), refere-se “àquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. De acordo com Courtine e Haroche (1994), “há uma memória inerente à linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que, em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico”. Logo, segundo os autores, a linguagem é “o tecido da memória”. Na mesma direção, Achard (1999, p. 16) afirma que “a memória não restitui frases escutadas no passado, mas julgamentos de verossimilhança sobre o que é reconstituído pelas operações de paráfrase. Estas operações deslocam o que é provável historicamente, porque a operação de retomada se localiza nesse nível”.

Nos entremeios dos movimentos de ruptura e deslizamento produzidos pela AD ao longo de sua permanente (re) constituição, irrompe, paradoxalmente, no interior da própria análise dos discursos, o Outro, “estrano que lhe é familiar” (Ferreira, 2004), representado pela psicanálise. Estranho, porque Outro, com sua singular constituição; familiar, porque ecoa no interior da AD, não com a pretensão de se sobrepor ao mesmo de um outro campo, mas legitimando, justamente, a alteridade constitutiva da linguagem, dos sentidos e dos sujeitos, tão cara à AD.

Resguardados seus limites e distâncias, a AD e a psicanálise avizinham-se num espaço de deslocamento das estruturas em que a *falta*, o *equívoco* e a *falha* asseguram a própria existência dos sentidos, dos sujeitos e dos dizeres. Re(inscrevem), no espaço de seus recortes e injunções, a ordem da dispersão e do descentramento em que “saber do que se fala” não é mais que a ilusão de certos estruturalismos.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O contexto epistemológico de movências produzido pela Análise do Discurso francesa exige a contínua reflexão sobre a historicidade e os fundamentos de suas formulações. Ao refletir sobre a história de constituição da AD e de seu arcabouço teórico, este artigo focalizou alguns deslocamentos estabelecidos no interior deste campo da análise linguística, que afeta significativamente o olhar sobre o sentido, o sujeito e a história. A partir das contribuições de Michel Pêcheux – e das interfaces estabelecidas por esse teórico com as elaborações filosóficas de Michel Foucault e com os trabalhos de alguns outros teóricos, inscritos na perspectiva da AD francesa –, buscou-se discutir alguns aspectos teórico-epistemológicos da Análise do Discurso, articulados no eixo: sujeito / história e linguagem.

Nesse movimento, assinala-se que, apesar dos deslocamentos teórico-metodológicos produzidos em seu interior, a Análise do Discurso, desenvolvida e permanentemente reformulada por Pêcheux e colaboradores ao longo de mais de duas décadas, segue fiel ao seu constante desafio de compreender os processos de constituição dos sentidos e dos sujeitos, engendrados nas e pelas práticas discursivas. Desse modo, a AD reafirma uma análise que neutraliza a noção de transparência dos sentidos, dos sujeitos e da língua e reinscreve a busca pelo plano dialógico em que os sujeitos afetam e são afetados pela ideologia, pelo Outro e pela história.

## REFERÊNCIAS

ACHARD, P. O papel da memória. Pontes, 1999.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade expressa e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. Tradução: Sandra Diniz Costa. Uberlândia/MG, p. 91-151, 1982. Título original: Héterogénéité montrée et héterogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours.

AUTHIER-REVUZ, J. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, E. (org.). Gestos de Leitura: da história no discurso. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. p. 91-151.

COURTINE, J. J. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. In: Langages, v. 62, p. 9-127, 1981. Paris: Didier-Larousse. Tradução de Sírio Possenti.

FERNANDES, C. A. Linguística e História: formação e funcionamentos discursivos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (orgs.). Análise do Discurso: unidade e dispersão. Campinas: EntreMeios, 2004. p. 43-70.

FERNANDES, C. A. Análise do Discurso: reflexões introdutórias. Campinas: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, M. C. L. Dicionário de Termos do Discurso. Porto Alegre: Gráfica da UFRGS, 2001.

FERREIRA, M. C. L. Análise de Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade. Porto Alegre: Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

FINK, B. O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FOUCAULT, M. Sobre a Arqueologia das Ciências: Resposta ao Círculo de Epistemologia. In: FOUCAULT, M. Ditos e Escritos II. Forense Universitária, 2000. p. 82-118.

FOUCAULT, M. A Arqueologia do Saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

GADET, F.; HAK, T. Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

GREGOLIN, M. R. V. Recitações de Mitos: a História na lente da mídia. In: GREGOLIN, M. R. V. (org.). Filigranas do Discurso: as vozes da História. Campinas: Cultura Acadêmica, 2000. p. 19-34.

GREGOLIN, M. R. V. Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos. Campinas: Claraluz, 2004.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. La sémantique et la coupure saussurienne: Langue, Langage, Discours. Langages, v. 24, p. 93-106, 1971. Paris: Didier-Larousse.

MILNER, J. C. O amor da língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NUNES, J. H. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (orgs.). Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar. Campinas: Claraluz, 2005. p. 99-104.

ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1983.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da análise do discurso na França. In: ORLANDI, E. (org.). Gestos de leitura: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M. A Análise de Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX, M. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Escritos nº 4. Campinas: Labeurb/Nuderc/Unicamp, 1999.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 163-189.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso – (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. p. 61-105.

RIBEIRO, M. S. M. A questão da interpretação na análise do discurso e na psicanálise: interseções. C. da APPoa, 2004.

ROBIN, R. História e Linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.